
Um país sem racismo? *Palestinos, negreiros* e os lugares de negro e branco em Cuba

Palestinos y Negreros in Havana - A place for blacks and whites in a country without racism

Lourival Aguiar Teixeira Custódio



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/14014>

DOI: 10.4000/pontourbe.14014

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Lourival Aguiar Teixeira Custódio, «Um país sem racismo? *Palestinos, negreiros* e os lugares de negro e branco em Cuba», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 20 janeiro 2023, consultado o 22 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14014> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.14014>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 janeiro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Um país sem racismo? *Palestinos, negreiros* e os lugares de negro e branco em Cuba

Palestinos y Negreros in Havana - A place for blacks and whites in a country without racism

Lourival Aguiar Teixeira Custódio

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 18/11/2022 / Original Version 18/11/2022

Aceitação / Accepted 18/12/2022

Introdução

- Durante minhas viagens a Cuba, que ocorreram entre 2018 e 2020, me hospedei em um bairro da periferia de Havana. Por ser um bairro afastado do centro, sempre que precisava sair de lá e ir visitar qualquer outro lugar da cidade costumava sair mais cedo de atividades para não chegar muito tarde por conta da disponibilidade do transporte público. Essa questão sempre levantava o questionamento das pessoas com quem eu falava e ao falar que morava em Pogolotti (bairro em que passei a maior parte da minha pesquisa)¹, as pessoas ficavam extremamente surpresas e me repreendiam com perguntas sobre minha falta de juízo e acusações de que deveria sair o quanto antes de lá, antes que fosse assaltado ou coisa pior acontecesse comigo, em conversas que sempre tinham a frase: “*Vives en Pogolotti?! Estás loco?!*”. Porém, eu explicava que foi exatamente esse tipo de reação que me fez querer pesquisar este bairro, que além do lugar me lembrar do bairro em que eu nasci e fui criado no Brasil, o escolhi por despertar esse tipo de reação. Para eles, essa era a confirmação de que eu, indubitavelmente, estava doído.

- 2 Durante uma entrevista com uma moradora de Pogolotti, uma mulher branca de cerca de 50 anos, ela me disse que durante a juventude não revelava, para seu interesse amoroso, em qual bairro morava, com medo da rejeição no amor. Como ela era branca, podia falar que era de um bairro diferente, “melhor”, na sua concepção. Essa declaração, que foi parte de uma conversa sobre a infância no bairro, se mostrou carregada de percepções sobre a formação dos territórios em Havana. O bairro em que você mora pode dizer muito sobre como você se relaciona com as pessoas, seus gostos, sobre como se diverte e sua história ou sua classe social. Mas em Havana, isso pode também falar sobre qual marcação racial você carrega, uma vez que essas questões estão muito ligadas ao seu local de moradia.
- 3 Desta forma, raça e espaço se relacionam, criando distintas zonas de habitação e socialização na mesma região. Essas diferentes formas de socialização atribuem distintas qualidades aos seus residentes, tornando essas regiões perigosas ou não e esses residentes negros ou não. Deparei-me, durante minhas visitas a Havana, com dois termos que compartilham a mesma chave racializante, porém em pontos opostos: *palestinos*, utilizado para designar os migrantes negros que se mudavam da região leste da ilha para a capital; e *blancos negreiros*, utilizado para designar os moradores brancos dos bairros compreendidos como “negros”. São termos diferentes para designar dois distintos processos de racialização relacionados com a formação social cubana e como o regime que chegou ao poder através da Revolução de 1959 lidou com os fenômenos raciais decorrentes do processo de formação do país e de sua ideia de nação. Uma nação que escolheu negar o racismo.

Um país sem racismo?

- 4 Cuba é um país singular em diversos aspectos. Um dos mais importantes e lucrativos portos do mundo durante os séculos 18 e 19, com uma agricultura sustentada pela escravização negra, foi o primeiro país a realizar uma bem sucedida revolução de caráter socialista na América Latina. Um reduto turístico que cumpre atualmente um papel importante de produtor de cultura, música e história, Cuba se destaca por manter um modelo socioeconômico que não pode ser comparado com nenhum outro no mundo, fazendo com que o país seja visto ao mesmo tempo como um símbolo de resistência, mas também de atraso e miséria. Sua posição política, de oposição aos Estados Unidos, colocou-o no centro do mais longo embargo político-econômico da história, imposto pelos EUA, com severas restrições comerciais.
- 5 O próprio termo "Revolução", como apontado pelo antropólogo João Felipe Gonçalves (2017) é composto por "diferentes narrativas históricas reproduzidas aí, especialmente aquelas promovidas pelo Estado", em uma dinâmica em que o termo pode significar o Estado, o modelo de governo ou um momento histórico, porém sempre defendendo uma ideologia, ou seja, uma ideia de poder. Desta forma, Cuba e sua Revolução, nas palavras de seu falecido ex-presidente e principal liderança da Revolução de 1959, Fidel Castro Ruz (1926-2016), se propôs a ser um exemplo de luta na América Latina contra a ideologia capitalista, representada em especial pelos Estados Unidos

Cuba representou os povos; os Estados Unidos representaram os monopólios. Cuba falou pelas massas exploradas da América; os Estados Unidos pelos interesses da oligarquia exploradora e imperialista. Cuba falou pela soberania (APLAUSOS); os Estados Unidos pela intervenção. Cuba falou pela nacionalização das empresas

estrangeiras; os Estados Unidos por novos investimentos de capital forâneo. Cuba falou pela cultura; os Estados Unidos pela ignorância. [...] Cuba falou pela igualdade; os Estados Unidos pelo privilégio à discriminação. Cuba falou pela verdade (APLAUSOS); os Estados Unidos pela mentira. Cuba falou pela libertação; os Estados Unidos pela opressão. [...] Cuba falou pelo socialismo (APLAUSOS PROLONGADOS); os Estados Unidos pelo capitalismo. (CASTRO, 1962)

- 6 Como forma de se diferenciar do modelo capitalista, que segundo Fidel Castro era baseado na exploração, realizou-se no ano de 1962 uma conferência em Havana em que Fidel proferiu um famoso discurso, no qual decretou a extinção do racismo em Cuba (Castro, 1962). Apesar desta declaração ter sido fortemente aplaudida, ela não se transformou em políticas públicas concretas, permitindo que o racismo herdado de centenas de anos de uma política social escravagista permanecesse vivo. Esteban Morales, economista e cientista político cubano, opina que

Haber proclamado em 1962 que el problema de la discriminación racial y del racismo estaba resuelto fue un error de idealismo y de voluntarismo político. [...] Además, no haber considerado que en la política social el color de la piel como lo que es, una variable histórica de diferenciación social entre los cubanos, olvidaba que los puntos de partida de los negros, blancos y mestizos para hacer uso de las oportunidades que la Revolución ponía frente a ellos no habían sido los mismos. (Morales, 2010, in Groog, 2019, p. 234)

- 7 Morales expõe os limites de uma política que ignorou os efeitos sociais do histórico racista do país antes da Revolução de 1959, fato este que perpetuou a reprodução de desigualdades entre negros e brancos. Sem um debate aberto na sociedade cubana sobre o que significavam materialmente as diferenças que resultam no racismo gerado através dos séculos de escravização negra, qualquer política nacional partiria de lugares desiguais para lidar com as experiências de pretos, brancos e mestiços em Cuba².
- 8 Outro autor que criticou a política racial da Revolução de 1959 foi o antropólogo Mark Q. Sawyer, que em seu livro *Racial politics in Post-Revolutionary Cuba* aponta que a maneira como o debate racial foi construído em Cuba não apenas contribuiu para a perpetuação do racismo, como também gerou diversas distorções. Uma primeira distorção é que, enquanto nos primeiros anos da Revolução de 1959 Cuba lidava com tensões raciais internas, para fora de suas fronteiras se rotulava como um defensor do antirracismo, visão essa causada por uma postura de preocupação internacionalista e propagandista (Sawyer, p. 64), que foi necessária naquele momento para diferenciar Cuba dos Estados Unidos, país que ainda debatia iguais direitos para negros e brancos.
- 9 Uma segunda distorção é a que o autor chama de "*discriminação inclusiva*" (*inclusionary discrimination*), que segundo ele é a principal contradição apresentada pela política racial cubana. Ao mesmo tempo em que negros eram reivindicados histórica e culturalmente como parte fundamental da construção da nação cubana e da própria Revolução, essa mesma parcela da população era vista como perigosa e de segunda categoria. Isso fez com que, após a Revolução, certos padrões racistas se renovassem, construindo uma sociedade em que existiam, ao mesmo tempo, aspectos concretos de melhora na vida da população negra cubana e também uma discriminação cotidiana ignorada pelo poder público.
- 10 A integração de negras e negros cubanos após a Revolução é um tema recorrente nos pesquisadores sobre relações raciais em Cuba. Alejandro de La Fuente (2001), Mark Q. Sawyer (2006), Nadine Fernández (2010), Aline Helg (2014), Patrícia Groog (2019) são

alguns dos pesquisadores que abordam, a partir de diferentes perspectivas, essas tensões raciais. Um ponto comum entre eles é como a ausência de políticas que combatem abertamente o racismo proporcionou condições para sua manutenção na estrutura da sociedade cubana. Essa forma de lidar com o racismo gera fragilidades estruturais que mantêm negras e negros cubanos em uma contínua situação de desigualdade, e à mercê das mínimas mudanças na conjuntura econômica e social.

- 11 Essa dinâmica é denunciada por Sawyer (2006, p.3-35) como os "*ciclos raciais*", que para o autor são o principal fator da persistente desigualdade em Cuba, em que a partir de eventos históricos-chave, neste caso a Revolução, as políticas raciais se modificam, porém seguem subordinadas a eventos externos como, por exemplo, o embargo ou crises econômicas globais, que limitam os avanços materiais para a população, tornando-as, portanto, instáveis. Desta forma, negras e negros teriam seus direitos subordinados às mudanças socioeconômicas globais, que determinariam os momentos de abertura, e assim de maior acesso a direitos e bem-estar social, e de fechamento, momento em que esses direitos seriam diminuídos ou diretamente retirados, reforçados pelas desigualdades históricas entre negros e brancos. Esses ciclos raciais geram então uma insegurança social para negras e negros cubanos, uma vez que suas possibilidades de mobilidade social estão atreladas a fatores externos em vez de garantidas legalmente.
- 12 A inclusão do negro na sociedade cubana após a Revolução se deu de maneira bastante contraditória, uma vez que a reivindicação de igualdade racial se tornou um problema para o projeto de unidade nacional propagada pelo governo revolucionário. Aqui é possível entender que, apesar dos discursos oficiais, se desenvolveu um racismo que, para Pablo Rodrigues Ruiz (2006; 2008), é um "*racismo de pero*", pois apesar dos cidadãos e o governo negaram o racismo, sempre vai existir um "*pero*" (porém, em tradução livre), que servirá para explicar uma situação de desigualdade racial com uma justificativa racista. Essa seria, para Rodrigues Ruiz, a principal característica do racismo cubano: a negação do racismo ao mesmo tempo em que o pratica veladamente. Isso faz com que existam diversas frases e comportamentos racistas como: "*no soy racista, pero no me gustaria que mis hijos tubieren una pareja negra*", "*no soy racista, pero los negros son marginales*", "*no soy racista, pero no confío en los negros*", "*no soy racista, pero no voy a los barrios eses que estan llenos de negros*", "*no soy racista, pero....*".
- 13 A experiência do racismo em Cuba passa, então, por dois processos: o primeiro é de um discurso de inclusão de negras e negros respaldado por uma legislação que visou diminuir as desigualdades sociais e permitiu um maior acesso de cubanos negros à saúde, educação, moradia, trabalho e lazer, em condições iguais ao oferecido e desfrutado pela maioria dos cubanos brancos. A inclusão da parcela negra da população cubana em espaços sociais que eram exclusivos de cubanos brancos possibilitou uma maior participação de negras e negros na sociedade cubana, porém essa participação, para alguns pesquisadores não foi igualitária, como destaca a antropóloga brasileira Bárbara Souza

o racismo estrutural está permeado nos alicerces da sociedade. Abarca a história que ampara, de forma subreptícia, a base para a supremacia branca, a cultura da vida cotidiana que naturaliza a reprodução do racismo. Ademais, as instituições e políticas interconectadas, assim como os relacionamentos e regras-chave no meio social, provêm legitimidade e reforçam a manutenção e perpetuação do racismo (SOUZA, Bárbara Oliveira 2016, p.283)

- 14 Essa estruturação do racismo na sociedade cubana mesmo após a Revolução é fruto do segundo processo da experiência cubana com o racismo, que é o da ausência de políticas que produzissem estruturas de combate às desigualdades estruturais geradas pelo racismo histórico sofrido pelos cubanos negros. Para a autora, sem a existência de uma política permanente de combate ao racismo, que permeia não apenas o campo da igualdade material mas também que visasse dissolver a ideologia racista construída por séculos de escravização negra, Cuba seguiria como uma sociedade que construiria instituições e uma dinâmica social racistas.
- 15 O processo revolucionário que culminou na possibilidade de acesso de toda a população a direitos constitucionais básicos, criando uma lei de igualdade para negros e brancos, também criou redes de sociabilidade de caráter excludente. Em Havana, pude notar que alguns bairros utilizam dessas redes para criar efeitos de barreira em que negros se veem impossibilitados de atravessar, ou no sentido oposto, em que brancos ao atravessar se vejam marcados racialmente. Quero, então, utilizar a categoria da discriminação inclusiva de Sawyer, para pensar sobre como a distorção racial que também é resultante deste processo: a marcação racial nos espaços de moradia que possuam uma predominante presença de negros.

16

Os “*Palestinos*” de Havana

- 17 Por conta de minha pesquisa de doutorado, viajei para Cuba todos os anos desde 2018, tendo passado cerca de 1 ano em Cuba durante os anos de 2018 e 2021, e quase 6 meses durante a pandemia em 2021. Apesar de minha pesquisa ter sido focada em Havana (cidade em que realmente vivi), passei alguns períodos em outras regiões, como em Santiago de Cuba e em Matanzas (respectivamente cidades da região leste e central de Cuba). Meu foco sempre foi olhar as relações entre os moradores dos bairros entendidos como “perigosos” em Havana com a identidade racial e cultural negra, uma vez que existe uma relação entre esses espaços serem vistos como perigosos e a alta presença de pessoas negras e cultura afro-cubana nessas localidades.
- 18 Durante uma de minhas primeiras viagens a Havana, ainda no ano de 2018, ao tentar me encontrar com uma amiga, me perdi enquanto caminhava pela região central e turística de Havana. Após perguntar, sem sucesso, a várias pessoas sobre qual direção me levaria ao meu destino, decidi perguntar a um policial que estava parado em uma esquina, acreditando que por trabalhar na região ele poderia me ajudar. O policial, negro, me disse que também não fazia ideia do endereço que eu buscava. Consegui, por fim, chegar ao local do encontro com minha amiga, que ficou indignada com a falta de localização das pessoas da região para quem eu perguntei, porém não ficou surpresa com o policial não saber o local que ela havia marcado o encontro. Ela, também negra, disse que “ele não sabia porque era um negro, um *palestino*”.
- 19 O termo me causou estranhamento, pois entendia palestino como alguém de origem palestina. Fiquei intrigado, pois acreditei que ela estivesse se referindo a uma comunidade palestina em Havana, o que capturou imediatamente a minha atenção. Quando perguntei sobre essa possibilidade, ela não conseguiu segurar a gargalhada. Disse, entre risos, que não tinha nenhuma relação com a Palestina, mas que ele era um *oriental*, um *palestino*, um *negrito* que emigrou da região leste da ilha para a capital. Ao

perguntar o porquê da utilização do termo palestino, ela me disse que os moradores de Havana os chamavam assim pois "assim como os palestinos, eles invadiam terras que não eram as deles"³.

- 20 Percebi que a utilização destes termos eram bastante comuns, porém que não serviam para designar quaisquer moradores que haviam emigrado da região leste da ilha (que até 1970 ainda possuía o nome de *Provincia del Oriente*), mas em especial, os moradores negros. Essa diferença em como esses imigrantes eram tratados denota uma mobilização de categorias de poder, que Norbert Elias e John Scotson (2000), nomeiam de "estabelecidos e *outsiders*", para distinguir aqueles que representavam os valores representados por determinado grupo ou sociedade, baseado em serem os moradores mais antigos de um determinado espaço (estabelecidos), e sua contraparte que representava uma ameaça a esses valores, aqueles que são mais novos, vindos de outras regiões e que surgem como uma corrupção a esses valores (*outsiders*). No caso de Havana, essa "corrupção" de valores está diretamente relacionada com racialidade e cultura.
- 21 Na fala da minha amiga, negro e palestino apareciam juntos, quase como sinônimos, reforçando o caráter racializado (e racista) deste termo⁴. Porém, não foi apenas dela que eu escutei esse termo: em outras ocasiões era possível escutar pessoas (negras e brancas) se referindo a esses migrantes negros como *palestinos* ou *orientales*.



Imagem 1: Mapa de Cuba (1774). Fonte: Jornal Gramma



Imagem 2: Mapa de Cuba (1970). Fonte: Jornal Gramma

- 22 Ao escutar pela primeira vez os termos "oriental" e "palestino" utilizados pela minha amiga, eles me remeteram imediatamente aos povos nascidos no Oriente Médio, dos quais a Palestina faz parte. Mas eles referiam-se, na verdade, às primeiras divisões da ilha, que eram as províncias do Oriente ao Leste e do Ocidente ao Oeste.⁵ Nas imagens 1 e 2 é possível identificar como era a divisão das regiões no final do século 18 e depois como, mesmo com o surgimento de novas regiões, o nome Oriente foi mantido até o começo da década de 1970. Essa denominação foi responsável pela confusão feita por mim, porém essa utilização, que não é ocasional, possui um forte caráter xenofóbico para com os cubanos oriundos da parte leste da Ilha.
- 23 Durante a visita à casa de um amigo negro perguntei se já havia escutado o termo, *palestino*, e ele prontamente me respondeu que “eles eram a praga de Havana”. Para ele, por culpa da migração, quase não havia mais "*habaneros* de verdade" em Havana, uma vez que quase todos eram *palestinos* ou descendentes deles. Obtive respostas parecidas de moradores de outros bairros, que diziam o quanto os palestinos eram problemáticos, estavam acostumados com a violência, com a sujeira e a bagunça, eram “temperamentais” e propensos ao vício, apesar de muito trabalhadores e esforçados.
- 24 Essa tensão regional era reforçada por uma política contra migração estabelecida pelo governo em 1997, de proibir que pessoas que não tivessem uma residência em boas condições e uma autorização especial para residir em Havana fossem forçadamente enviados para sua província de origem (alguns chegam a ficar dias presos esperando um trem que os leve de volta), podendo receber uma multa caso sejam pegos novamente de maneira ilegal em Havana. Para alguém de outra província poder residir em Havana, este deve aplicar para uma licença de permanência definitiva, mas esses processos de regulamentação não costumam ser simples e tendem a demorar anos. Por isso muitos destes imigrantes trabalham na informalidade e vivem em residências precárias, muitas vezes ocupações urbanas, nas regiões mais pobres (e baratas) de Havana, em processos que o antropólogo cubano Pablo Rodrigues Ruiz (2006) vai chamar de *llega y pon* (“chega e põe”, em tradução livre). Esses locais remetem a ocupações urbanas ilegais, feitas de maneira improvisada e normalmente em locais de pouca estrutura ou segurança geográfica (como beiras de rios e riachos), em processo semelhante ao da formação das favelas brasileiras. Essas construções são vistas com bastante preconceito pelos moradores de Havana, que veem a formação de espaços assim como uma depreciação de seus bairros e como sinal de um propenso aumento da violência.
- 25 Apesar da lei garantir moradia plena para toda a população, esses migrantes não possuem direitos reconhecidos, o que faz com que se utilizem dos *llega y pón* como única maneira de garantir um pouco de dignidade. Porém, isso faz com que muitos estejam sempre vivendo às margens da cidade, em bairros com pouca estrutura pública ou baixa oferta de trabalho. Esse processo de marginalização dos moradores que migram para Havana é parte de um processo histórico, normalmente relacionado com crises econômico-sociais que tornam escassas as oportunidades de emprego em regiões fora de Havana, forçando um fluxo migratório para a capital. Parte dessas crises econômicas está relacionada com os embargos feitos pelos Estados Unidos contra Cuba após a Revolução de 59, que fez com que esses fluxos migratórios ocorressem desde o começo do governo revolucionário cubano. Dos embargos, que já duram mais de 60 anos, derivaram outras crises, sendo a mais grave a vivida após o fim do suporte soviético à Cuba, chamado de *Período Especial*⁶.

- 26 Essas seguidas crises foram tratadas pelo governo cubano de uma maneira desigual, uma vez que ignora que as diferentes regiões da cidade não haviam se desenvolvido de maneira igualitária, não resolvendo as desigualdades históricas geradas pela escravização e também a pobreza gerada pela exploração dos governos estadunidenses no período pós-independência⁷. Pesquisas sobre período especial expõem um aumento da desigualdade racial, consequência de um abismo social que não havia sido resolvido durante as primeiras décadas da Revolução Cubana de 1959.
- 27 Em seu livro, “*A nation for all*”, Alejandro de La Fuente analisa esse cenário de desigualdade após a revolução. Para de La Fuente, é durante os momentos de crises sociais que o debate racial ganha força, mostrando a ausência de mobilidade social para os cubanos negros e como isso influencia diversos campos da vida social, como habitação, educação e acesso ao mercado de trabalho. Além disso, expor os problemas não resolvidos pela revolução, e reafirmar o lugar que o debate racial deveria ocupar na vida política cubana poderia depor contra a ideia de uma “nação cubana única”, como defendem diversos outros teóricos fundamentais para a ideia de nação cubana, como o teórico da independência cubana José Martí (1853-1895) e o antropólogo também cubano Fernando Ortiz (1881-1969). Sem uma maior problematização destas questões pelo governo, a responsabilidade sobre como as crises afetam de maneira mais intensa os cubanos negros recairia sobre essa parcela da população, que não teria ainda acumulados avanços gerados pela Revolução de 1959.
- 28 Essa forma de relacionar as diferentes experiências durante os períodos de crise é comparável com a relatada por Steven Gregory (1998) em sua pesquisa sobre um bairro negro nos EUA. Para ele, o governo olha para esses problemas com uma bússola moral que invisibiliza as questões estruturais, responsabilizando os habitantes das regiões mais pobres da ausência de desenvolvimento e de mobilidade social. Esse processo produz, para Gregory, uma “Cidade interior” (*inner city*) em que negros e brancos pobres compartilham uma experiência diferente das regiões ricas e embranquecidas (Gregory, 1998, p. 5-6), em oposição à parte principal das cidades (*mainstream*). A criação desses territórios em que a desigualdade é mais acentuada também ocorre em Cuba e se torna o lar de destes *palestinos de Havana*.

Lugar de negro: Os *Palestinos* de Leste a Oeste

- 29 Um dos redutos para onde se mudavam inicialmente os *palestinos* recém-chegados em Havana é o bairro de Pogolotti, dentro do município de Marianao⁸, localizado na região oeste da cidade de Havana. Esse bairro, que possui uma maioria negra e forte relação simbólica com a luta de independência de Cuba, foi um dos lugares escolhidos por esses migrantes, assim como os bairros de La Lisa, San Miguel del Padrón e Regla. Após mais de oito meses vivendo neste bairro, consegui perceber que existe uma dinâmica que fisicamente separa a parte do bairro que é dos “habaneros” da parte dos “palestinos”, sendo que a região de Pogolotti em que residem os migrantes é chamada pelos moradores de “Isla del Polvo”.
- 30 Essa região é evitada pelos próprios moradores de Pogolotti, pois para eles a *Isla del Polvo* é um lugar perigoso. Esse tipo de imaginário é produzido pela associação em que a soma entre pobreza, marginalidade e negritude resulta em violência. O curioso é que o bairro de Pogolotti, que é de maioria negra e um lugar intimamente ligado com a *cubanidade*, é visto por diversos moradores de outras regiões do município como um

lugar perigoso e que deveria ser igualmente evitado (não apenas a região da *Isla del Polvo*, mas o bairro todo) e o mesmo ocorre com Marianao quando perguntado a moradores de outros municípios de Havana: o lugar não possui nada de bom e lá pode acontecer com você todo tipo de coisas indesejáveis.

- 31 Essa característica é tratada por Susan Gal (1996) como recursividade fractal (*fractal recursivity*) que neste caso é aplicada pelos moradores de Havana para criar “espaços dentro dos espaços”, transferindo para um determinado pedaço do território as características negativas que determinada região teoricamente possuiria. Esta forma de criar uma distinção entre esses espaços permite a criação das “cidades internas” pensadas por Gregory, uma vez que através desta dinâmica é reforçada no espaço a ideia de um “nós” e um “eles” que não dividem a mesma qualidade humana. Essas pessoas habitantes das cidades internas seriam, dentro de uma imagem preconceituosa, inferiores.
- 32 Para o geógrafo Yi-Fu Tuan, o lugar é uma área que foi apropriada efetivamente, transformando um espaço indiferente aos demais em lugar - o que por sua vez implica em uma relação temporal que afeta a significação deste espaço em lugar - em que o espaço sem o tempo não é nada além de uma área sem sentido.
- O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (TUAN, 1983, 198).”
- 33 Desta forma, o espaço, que para o autor remete a uma área de ausência de sentido e de sentimento, não permite uma conexão, gerando relações efêmeras. Essa sensação contribui, de certa maneira, para a ideia de medo que esses espaços possam desprender. Em contrapartida, o lugar é um conceito estático, um ponto de encontro comum para experiências diferentes. O espaço pode induzir, então, a sensação de amplitude, em que nada é reconhecido, enquanto o lugar é o local em que raízes, físicas ou imaginárias, são fincadas e de onde se reproduz o afeto, o elo com esta área.
- 34 Ao se analisar a divisão entre espaço e lugar, é fundamental compreender que, partindo das diferenças de experiências vividas apontada por Tuan, sempre haverá uma perspectiva de afastamento dos espaços em que não possuímos uma experiência topofílica, mesmo que não se tenha vivenciado nenhuma experiência negativa e uma perspectiva de aproximação com lugares que, mesmo sem nenhuma vivência, transmitem uma sensação positiva. Relacionando as concepções teóricas de Gal (1996), Gregory (1998) e Tuan (1983), penso existir aqui a produção de uma ideia de "espaços internos" dentro dos "lugares externos".
- 35 Os espaços internos são projeções de experiências negativas relacionadas a espaços que não foram experimentados ou sobre os quais não foram necessariamente produzidas experiências negativas. São vivenciados como lugares pela falta de identificação e internos por estarem próximos, dividindo vivências que são apagadas pela necessidade de se gerar afastamento, fracionando a experiência. Os lugares internos são as áreas de não vivência em que são projetadas uma experiência positiva ou uma expectativa de uma experiência positiva. São lugares pela criação de afetividade sem vivência e externos pela sua distância do lugar vivido.
- 36 Esse processo, reforçado por uma ideologia preconceituosa, gera uma recursividade fractal (Gal, 1996) que no caso de Havana é demarcado por uma divisão racial do território. Isso fará com que quanto mais embranquecido (cultural e economicamente) um território for, mais próximo ele estará da percepção de um lugar no conceito de

Tuan e quanto mais enegrecido um território, mais próximo da percepção de um espaço este será. Neste caso, nenhuma dessas percepções está condicionada pelas experiências, mas sim com preconceitos raciais que são estendidos ao espaço.

- 37 A forma preconceituosa com que os moradores desses "espaços internos" são tratados em relação aos moradores dos "lugares externos" é relatada por diversos moradores desses locais estigmatizados, que criam ferramentas para contrapor essa visão. Um exemplo disso é o que ocorre anualmente em Pogolotti, que é a sua Festa de Aniversário do bairro, comemorada anualmente no dia 24 de fevereiro. Nessa festa, que costuma durar três a quatro dias, os moradores celebram a história e sua relevância como primeiro bairro operário de Cuba e reduto de ex-combatentes da independência cubana. Existe no bairro um forte senso de pertencimento e de orgulho por sua história, fazendo com que os moradores sejam unidos e estimulando a criação de diversas associações para organizar conjuntamente suas insatisfações. Os moradores transformaram este espaço interno, como visto pelas demais pessoas, em um lugar importante para eles.
- 38 Existe um processo de racialização que transfere a um determinado espaço características que fazem alusão a uma sensação de medo baseada na ideia da distinção entre os palestinos (externos) e os habaneros (internos), ao acentuar uma marcação racialista sobre os espaços. Mesmo existindo também bairros pobres habitados majoritariamente por cubanos brancos, são os bairros que possuem uma predominância (demográfica e/ ou cultural) de cubanos negros que são vistos como perigosos. Raça e espaço estão, desta forma, extremamente relacionados pois criam distintas zonas de habitação na mesma região, em que são atribuídas distintas qualidades a quem lá vive.
- 39 Quando pensamos na divisão racial do espaço, é importante se atentar a uma ideia de segregação presente nesta divisão. Em sociedades em que não existe uma política segregacionista oficial, é a demarcação racial que separa os lugares de convivência. Desta forma, os séculos de escravização marcaram não apenas os corpos negros mas também seus espaços de vivência. É nesses espaços de vivência, chamados de favelas, comunidades, barracões, conjuntos habitacionais ou "*solares, llega y pon e repartos*" quando falamos da experiência cubana, que esses corpos negros se amontoam como resultado desses séculos de escravização que geram uma desigualdade e pobreza endêmicas.
- 40 Existe, assim, um medo relacionado à concentração de pessoas negras e pobres em um determinado espaço que não é inédito. A primeira vez que essa ideia aparece com força foi durante os primeiros anos após a Revolução Haitiana, em 1804. A revolta dos escravizados da ilha de São Domingos gerou nas elites escravagistas brancas da época um receio de que ocorressem outras revoltas similares, em um processo que foi posteriormente chamado de "haitinização" e que fez com que diversos países escravagistas das Américas nutrissem um medo dos negros escravizados (Fontella e Medeiros, 2007; Silva e Sá, 2021). Esse medo dos negros haitianos foi então estendido para outros países, onde qualquer organização de negros fosse vista como potencialmente perigosa.
- 41 Em seu livro *Onda Negra, Medo Branco* (2004), a socióloga e historiadora Célia Maria Azevedo explica como o imaginário racista das elites do século 19 foi a base do racismo que estruturaria as sociedades escravocratas no pós-abolição, que é de um racismo baseado no medo contra os negros. A autora destaca que, no caso brasileiro, um dos

debates na formação do país foi a herança do escravismo para além das questões estruturais, uma vez que "também caberia ao novo país uma outra herança, igualmente decisiva [...], o grande medo suscitado pela sangrenta revolução em São Domingos" (Azevedo, 2004, pg. 28). Essa herança do medo, assim como a riqueza produzida pelos negros e que foi apropriada pelos brancos donos de escravos, também havia sido passada de geração em geração.

42 Porém, da mesma forma que os mais de cem anos que separam o fim da escravização dos dias atuais não livrou negros e negras dos malefícios estruturais causados por séculos de escravidão forçada, o medo enraizado na parcela branca da sociedade de que a concentração organizada de negros deveria ser vista com cautela, parece também seguir igualmente viva na memória social, atuando como um fantasma que assombra os herdeiros da escravidão.

43 Processos similares acontecem em Cuba, notados nos bairros mais pobres e como estes bairros desenvolvem características negativas no imaginário da população. Pogolotti é um exemplo onde é possível identificar outros elementos deste processo. O bairro, que cumpriu um importante papel histórico ao abrigar heróis da independência (ou como são chamados, *mambíses*), em pouco tempo se converteu em um lugar perigoso e que deveria ser evitado. Assim, ser um *mambí*, antes sinônimo de orgulho ao se carregar o título de herói revolucionário, passou a ser visto como um sinal de perigo e preocupação, tornando-se em pouco tempo um lugar desprezível.

44 Pogolotti era um desses lugares onde muitos não queriam morar e que tinha uma fama das mais terríveis. Quando estive em Cuba pela primeira vez para realizar minha pesquisa de doutorado, em 2018, percorri diferentes bairros de Havana perguntando para as pessoas quais eram bons e quais eram ruins para se morar. Para a maioria das pessoas com quem conversei, Pogolotti era o pior lugar. Ao estar lá, pude ver que muitos dos mitos criados eram falsos: lá apenas se pode entrar com autorização de algum chefe do crime ou que a entrada do bairro possuía uma viatura policial virada de cabeça para baixo, eram alguns dos mitos que eu escutei antes de visitar o bairro pela primeira vez. Jamais encontrei a tal viatura policial ou um relato sobre um "chefão" do crime.

45 Outro importante teórico que trata da questão de espaço e lugar, Massey permite olhar para as experiências vividas em um lugar como parte de um processo complexo, que apesar de sólidos pontos em comum, é experimentada de maneiras distintas

Lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior (Massey, 2000, p. 183-184)

46 Em Pogolotti encontrei crianças que brincavam na rua, idosos que passaram parte da tarde debatendo sobre política e melhorias para o bairro, jovens que disputaram animadas partidas de squash na quadra principal do bairro e casais que se encontravam em um final de tarde para namorar sentados em alguma calçada ou portal. Pessoas que iam e voltavam do trabalho, vizinhos conversando nas imensas filas de abastecimento, vendedores ambulantes que ofereciam "*bocadito de helado*", "*tamal*", pães ou consertos de painéis. Encontrei histórias distintas, mas todas elas continham uma relação forte com o bairro. Nada de diferente do que é possível de se encontrar em qualquer outro

bairro de Havana. Mesmo vivendo em casas castigadas pelo tempo e ruas com pouca manutenção, nenhuma destas coisas tornava Pogolotti um lugar que devia ser evitado. Muitas vezes, um bairro é apenas um bairro. O que tornava Pogolotti diferente dos bairros mais caros da cidade era que cada uma dessas pessoas que estava vivendo sua vida ali possuía um marcador racial sobre si.

O medo como estigma racial

- 47 Os processos descritos acima apontam para uma racialização dos espaços entendidos como de maioria negra. Pogolotti é, neste cenário, um exemplo do que ocorre também em outros bairros de Havana. Esse movimento de olhar com medo para os bairros pobres é chamado por Yu-Fu Tuan (2005, 2012) de topofobia, que para ela é “o medo ou aversão por determinado espaço”. Esse medo não necessariamente é produzido por uma experiência real, mas pode advir de um medo socialmente construído e compartilhado: assim como o medo de um processo de “haitianização” fez com que diversos governos coloniais que não haviam passado por esse processo tivessem a mesma preocupação que o governo francês: pessoas que não haviam experimentado situações negativas nos bairros estigmatizados compartilhavam um mesmo temor, uma mesma ansiedade:

O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. [...] Por outro lado, a **ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio.** A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça. (Tuan, 2005: p.4, destaques meus)

- 48 Aqui, tendo a compreender que essa ansiedade compartilhada por aqueles que não possuem nenhuma experiência negativa com um lugar que não residem esteja associada a antecipar uma reação ao perigo por acreditar que está em um ambiente hostil. Esta hostilidade é gerada pela ideia de que pessoas negras pobres reunidas possam oferecer às pessoas brancas algum perigo. O fato de estarem fora de seu território de segurança, aliado ao medo histórico alimentado pelo racismo faz com que a topofobia ganhe espaço quando as pessoas se referem a esses territórios negros. Por isso a aversão a esses territórios negros não está ligada apenas às pessoas, mas acaba por contaminar o próprio local em si.
- 49 Esse medo tende a ser reforçado por uma ausência do debate sobre o racismo, que faz com que a sociedade não desenvolva ferramentas (políticas, sociais e psíquicas) para combatê-lo. A antropóloga brasileira Lélia González (2018, p. 190-214), ao analisar o processo de negação do racismo no Brasil, vai chamá-lo de “neurose cultural brasileira”, que não é atribuída apenas à parcela branca da sociedade, mas sim a ela de conjunto, formando o que para ela pode ser entendido como “racismo por denegação”. Assim, essa negação do racismo que é alimentado por uma estrutura social também racista, faz com que o racismo seja reforçado na sociedade, aumentando-o ao invés de diminuí-lo.
- 50 Ao relacionar essa neurose cultural apontada por Lélia González à ansiedade gerada sobre os territórios topofóbicos apontada por Tuan, é possível verificar a existência de um ciclo racial que é sustentado pelo racismo contra negros e que reflete nos

territórios por eles habitados. Desta forma, o estigma racista que faz com que se atribua características negativas às pessoas de determinado território é transferido para o território em si, que é ao mesmo tempo marcado por seus moradores e que marca as pessoas que lá residem, em uma dinâmica dialética em que se espacializa a raça e se racializa o espaço. O estigma racial se torna, então, produto do estigma espacial e vice-versa. Porém, tal marcação ocorre de fora para dentro, ou seja, não possui relação direta com o modo de vida ou ações dos moradores dos territórios além do que representa no imaginário colonial os perigos de uma concentração de pessoas negras em um mesmo espaço.

O lugar dos brancos: Os *Negreros* do Oriente no Ocidente

- 51 Existem diversos teóricos que falam sobre processos de marginalização. Esses processos, como muitos apontam, são resultado de uma dinâmica social que afasta das regiões centrais ou das regiões mais ricas grupos sociais pré-determinados que a sociedade julga indesejáveis. Para Reinaldo José de Oliveira, esse processo faz parte de uma política social de segregação, em que "segregação significa pôr à margem, isolar, separar e marginalizar determinado grupo social, político, racial e religioso no corpo da sociedade" (2013, p. 43). Esse tipo de segregação, diferente das referências do que foram os processos de *apartheid* na África do Sul ou de segregação racial nos Estados Unidos, não controla através das leis o local em que cada grupo social irá habitar, mas os controla através da economia, gerando um contínuo processo de gentrificação.
- 52 Ao pensar o processo de gentrificação em Havana, Violaine Jolivet e Mateo Alba-Carmichael (2021) destacam que na última década houve uma forte oposição entre os lugares mais centrais e os suburbanos, reforçando essa ideia de marginalização das regiões mais distantes, produzindo, assim, uma cidade desigual, apesar da complexidade de se analisar isso em uma cidade socialista pertencente ao sul global. O principal aqui é como desigualdades históricas geram desníveis sociais no presente, sendo uma das mais presentes as "importantes desigualdades entre los cubanos que tienen acceso a estos circuitos económicos vinculados al turismo y a la economía global y aquellos que no cuentan con estas relaciones transnacionales". Aqui se vê reforçada a ideia de que processos históricos geram diferentes experiências de moradia entre os cubanos de origem mais pobre e os que possuem uma origem baseada em uma pretensa classe média cubana (Jolivet e Alba-Carmichael, 2021, p.281)
- 53 Ao incluir a questão racial nessa equação, é possível notar como processos históricos geraram desigualdades socioeconômicas entre negros e brancos e como isso interfere na questão das moradias. Em artigo escrito por Pablo Rodríguez Ruíz e Rodrigo Espina Pietro sobre as desigualdades raciais em Cuba (2006), os autores apontam para um cenário socioeconômico que diferencia brancos de negros em Cuba a partir de seus locais de moradia: enquanto negros são a maioria nas residências mais pobres e precárias, nas residências melhor estruturadas e luxuosas existia uma predominância de moradores brancos. Essas diferenças estruturais, segundo Espina Pietro e Rodríguez Ruíz, "resulta ser una cuestión determinada por la forma histórica de ocupación y configuración de esos espacios.[...] una forma de desigualdad heredada aún no eliminada."

- 54 Assim, uma parcela da população foi empurrada para longe das regiões que refletem a riqueza de uma cidade, sendo relacionadas uma ideia de pobreza e miséria. Essa condição de pobreza ganha contornos diferentes quando somada com a presença negra, que ao relacionar negritude e pobreza gera uma sensação de medo que fica marcada no território. Essa marcação, que mistura elementos objetivos (pobreza) com subjetivos (medo), se torna alimento para a neurose racista apontada por Lélia González
- Por que vivem dizendo para a gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será se tem o “preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar no negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (2018, p. 208)
- 55 A estigmatização dos territórios negros está também relacionada com a naturalização de relação entre negritude e pobreza, que traz toda lazeira atrelada historicamente pelo racismo gerado pela escravização negra. O que é pobre, então, se torna negro e o que é negro se torna pobre. Isso faz com que exista um processo produzido pela estigmatização que também possibilite a marcação de corpos não negros. Foi a essa conclusão que eu cheguei quando me deparei com um segundo termo durante minha pesquisa: *blancos negreiros*.
- 56 Diferentes autores apontam para alianças entre negros e brancos em Cuba. Nadine Fernandez em sua obra sobre os relacionamentos inter-raciais em Cuba expõe o dinamismo desses relacionamentos em um país que nega o racismo, o que envolve amplos processos de identificação racial. Seu olhar sobre bairros racialmente mistos coloca luz em um ponto central para esse debate, que é como em bairros pobres essa relação se torna muito profunda (2010). Outro autor que tratou dos relacionamentos inter-raciais em Havana foi Pablo Rodrigues Ruiz, que destaca como
- En estos barrios populares, negros y blancos comparten una vida cotidiana que, aunque no exenta de conflictos, marca como tendencia principal la solidaridad de los residentes (Rodrigues Ruiz, 2008, p. 90)
- 57 Esses conflitos são notados através do que La Fuente (2008) chama de aforias, ou seja, conjunto de ditos populares que servem para reforçar estereótipos e papéis sociais preconceituosos. Enquanto no Brasil nos deparamos com frases racistas como "negro de alma branca" ou "preto quando não caga na entrada o faz na saída", em Cuba é possível encontrar frases como "juntos pero no revueltos" (juntos, porém não misturados), "los negros salen lo peor" (os negros fazem as coisas das piores formas) e "Es negro pero es un blanquito en potencia: El es blanco por dentro" (É negro, mas um branco em potencial: ele é branco por dentro). Esse tipo de utilização do racismo aponta para uma evidente tensão racial nos espaços comuns de convivência entre negros e brancos.
- 58 Durante uma conversa com um grupo de amigas sobre os problemas de se morar em um bairro da periferia da cidade, como Pogolotti, uma delas relatou que recebeu uma multa por ir à praia durante a pandemia (uma multa que lhe custaria um mês de trabalho), e por isso estava muito angustiada, pois possuía um filho para cuidar. Essa conversa nos levou ao debate sobre as formas “fáceis” de se fazer dinheiro em Havana, e como seria mais fácil se ela morasse mais próxima do centro, que apesar da pandemia permitia ter um acesso facilitado aos turistas. Foi quando uma das moças que estava conosco, nascida em Santiago de Cuba e que há poucos meses estava em Havana, nos disse que passou recentemente pela mesma abordagem na praia, porém que não havia recebido multa alguma. Logo uma delas interveio, dizendo que provavelmente ficaram com dó dela, por ser do Oriente e não conhecer bem as regras da cidade. Eu, então, questionei se não teria relação com o fato dela ser a única pessoa branca do grupo, que poderia lhe

conferir algum tipo vantagem, uma vez que, a meu ver, seria esse o principal fator que a diferenciava das demais, que eram negras. Elas riram e logo trataram de me corrigir, dizendo que apesar de ser branca, ela era tão negra quanto os moradores de Pogolotti, pois era uma *blanca negrera*.

- 59 Era a primeira vez que eu escutava esse termo, que imediatamente me remeteu ao significado de *negrero* ligado ao tráfico escravagista. Ao perguntar o que significava esse termo, fui surpreendido com uma explicação ainda mais intrigante: que os *negreros* seriam pessoas brancas que convivem tanto com negros, estão tão acostumadas aos ambientes em que os negros vivem, que são praticamente negros. Essa moça, não apenas estava sendo marcada por ser de Santiago de Cuba (local onde a maioria das pessoas são negras), mas também (e principalmente) por ser alguém que vivia na companhia de negros.
- 60 Ao conversar com outros moradores de Havana sobre o termo, verifiquei que sua utilização era bastante comum no cotidiano cubano, trazendo sempre essa referência a uma pessoa branca que havia, através da convivência com negros, adquirido características que a enegrecesse. Ao buscar entender quais seriam esses processos, pude perceber que estes poderiam se dar através de três formas, sendo as mais comuns pelo casamento e por aproximação, e uma terceira que eu entendi ser uma forma de *transferência*.
- 61 Buscando diretamente o termo *negrero* nos dicionários de espanhol, encontrei apenas referência ao termo *negro*, sempre associado a qualidades negativas. Enquanto no Michaelis (1998, p. 211) os termos encontrados foram “triste, horrível, medonho, execrável”, no dicionário do Instituto Cervantes (2009, p. 509) o termo que divergia dos demais era “irritado”. Porém, foi no dicionário online da *Asociación de Academias de la Lengua Española* (ASALE), na sessão de americanismos, que encontrei uma definição que dialogava com as que escutei em Cuba

negrero, -a.

adj/sust. Cu. Referido a persona de raza blanca, que se relaciona principalmente con personas de raza negra. desp.

Cu. Referido a persona de raza blanca, que tiene relaciones amorosas preferentemente con personas de raza negra. desp.

- 62 Nesta última consulta o termo encontrado refere-se a sua utilização na cultura cubana, em que é possível notar a referência aos dois primeiros processos, os de casamento e de aproximação. Como similaridade, ambos os processos tratam de uma relação preferencial com pessoas negras, não exclusiva, mas que é suficiente para que essa se torne uma característica predominante sob o olhar de outras pessoas. Inclusive muitas vezes não havia muita distinção entre a relação ser amorosa ou de amizade na utilização do termo, mas ambas designavam fortes relações pessoais entre negros e brancos.
- 63 O processo de transferência, ao contrário dos outros, apareceu relacionado com o lugar em que a pessoa habitava. No processo de transferência, a pessoa branca se tornava um *blanco negrero* ao residir tempo suficiente em um local que estaria imbuído de características da negritude. Essa pessoa branca, quase como uma metamorfose kafkiana, se transformava através do espaço em uma pessoa “marcada como negra”. Diferente do que ocorre com o personagem de Kafka, não era uma transformação física, mas sim uma transformação social, um rebaixamento. A pessoa branca que passou por

um processo de transferência se tornava um cidadão de segundo nível, equiparado apenas aos negros dos bairros pobres e marginais.

- 64 Quando compreendi essa utilização de *negreiro* imediatamente pensei na frase de Lélia González sobre como a identidade negra não é algo pronto e tornar-se negro ocorre através de um processo de tomada de autoconsciência e luta contra o racismo. Porém, nesta utilização não é a jornada de autorreconhecimento que aciona o início do processo, mas sim a circunstância de residir em um lugar pobre e que, no entendimento popular, seria um lugar negro. Esta lógica faz com que a pessoa negra não possua alternativa senão aceitar o seu destino, que é ligado a pobreza, enquanto a pessoa branca que por algum infortúnio foi levado a habitar um lugar pobre, em pouco tempo se tornaria também um negro social, ou seja, um branco de segunda linha.
- 65 Ao entender isso, é possível acreditar que *palestinos* e *negreiros* são opostos, uma vez que *negreiro* é uma condição circunstancial, e que uma vez que caso esses *blancos negreiros* se mudassem destes locais pobres, viriam a perder essa marcação racial. De fato, é mais fácil uma pessoa branca cortar suas relações sociais e afetivas com as pessoas negras com quem convivia e passar a conviver em um ambiente com maioria de pessoas brancas do que uma pessoa negra, que não terá como visivelmente ocultar sua negritude. Porém, o processo de transferência não está relacionado apenas com uma relação social ou pessoal, mas fundamentalmente cultural. Ou seja, o que caracteriza essas pessoas é a cultura que eles carregam, que é uma cultura afro-cubana.
- 66 Mesmo que essa transferência da negritude não possua o mesmo peso social de ser negro de fato, essas pessoas seguem carregando a marcação que o território lhe concedeu. A *blanquita* negreira a qual minhas amigas se referiram não deixou de se associar aos aspectos da negritude quando saiu de Santiago de Cuba: ela foi buscar um ambiente em que se sentisse confortável, entre "iguais". Ao perguntar a ela o porquê de ter escolhido mudar-se para Pogolotti, ela me respondeu que era pelo lugar lhe parecer o bairro em que morava em Santiago de Cuba. Esse foi o mesmo motivo que me fez ficar em Pogolotti quando eu o visitei: me lembrava o bairro negro em que eu nasci no Brasil.

67

Conclusão

- 68 Processos de estigmatização e marcação racial não são exclusivos do contexto cubano. Essas dinâmicas podem ser observadas em outros países como o Brasil, os EUA e a Colômbia, para citar alguns nas Américas que passaram por processos de escravização e que não conseguiram oferecer uma equidade na relação entre descendentes de escravizados e os descendentes de seus escravizadores. Apesar disso, a maneira como essas dinâmicas se dão em cada local estão sempre relacionadas com a ausência de um debate social sobre os efeitos históricos do racismo.
- 69 No contexto cubano, apesar do governo ter declarado o fim do racismo no começo da década de 1960, a persistência, principalmente a apontada por Mark Q. Sawyer (2006), parece se acirrar nos momentos de crise econômica, em que as hierarquias raciais ganham ainda mais destaque. Ao operar em sociedades que não possuem uma demarcada segregação racial (como Cuba, Brasil, Colômbia etc), as desigualdades sociais são mantidas através de outros marcadores da regulação racial (Sawyer 2006, p. 34-35).

- 70 Um dos principais marcadores de desigualdade social e no qual opera alguma regulação racial, processo esse ressaltado por diversos pesquisadores sobre raça e espaço, é a questão da moradia. Através dela, questões estruturais produzidas pela escravização negra se perpetuam, dificultando não apenas uma mobilidade social para negras e negros descendentes destes escravizados, mas também qualquer forma de melhora estrutural na vida destes, mesmo mais de um século após o final oficial da escravidão e do tráfico escravista nessas regiões.
- 71 Porém, diferente das sociedades que se utilizavam da segregação para realizar a regulação do racismo, as sociedades sem segregação precisam, indiretamente, marcar o lugar de negros e brancos, destinando a cada um deles uma marcação social que estabelece que diferencia a ideia de pobreza e carestia e da ideia de riqueza ou prosperidade. Pensando nessa relação com o espaço, são então construídos mutuamente lugares de pobreza (negros) e de riqueza (brancos), que ganham materialidade através das desigualdades históricas, mas não apenas através dela. É necessário imbuir esses lugares de atributos morais, que vão transformar locais ricos em confiáveis e seguros e locais pobres em violentos e que inspiram medo.
- 72 Existe, então, primeiro uma fusão desses valores aos grupos sociais aos quais eles são relacionados: negros se tornam meliantes e violentos, enquanto brancos são, teoricamente, confiáveis e pacíficos. Nadine Fernandez (2010, p. 116) confirma essa narrativa ao destacar a utilização de "piadas" para designar negros (em especial homens) como pessoas de baixa classe, preguiçosas, sujas e criminosas. O antropólogo Ramon Torres Zayas e a criminalista Odalys Pérez Martínez em um livro sobre a relação entre cultura negra (centralmente a cultura Abakuá) e criminalidade trazem como a ideia da relação entre negritude e violência se fortalece nos bairros pobres.
- Esta influencia descansa en los barrios donde se asentó y desarrolló la Sociedad Abakuá, en los cuales ya existía la impronta de la criminalidad como consecuencia de las precarias condiciones de vida; así, «quienes vivían allí debieron probar su valor a pecho descubierto. Y en torno a estos barrios o asentamientos se tejió una leyenda negra, ligada al modus vivendi de sus pobladores[...]. (Pérez Martínez e Torres Zaya, 2011, p. 72)
- 73 Ao relacionar com a ideia de palestino e de negreiro, os estigmas novamente aparecem relacionados a um espaço precário de vida, que é marcado racialmente, no caso dos abakuás⁹. Os autores também destacam a presença do que é chamado em Cuba de "El ambiente" (p.90-94), que seria um comportamento criminoso e marginal adotado pelos moradores dos bairros pobres e em especial, nos bairros entendidos como negros.
- 74 Mesmo possuindo uma forte relação, os termos palestino e negreiro possuem pesos sociais distintos, mesmo ambos sendo termos pejorativos. Enquanto o termo *negreiro* foi utilizado com tranquilidade na presença da pessoa a quem ele se referia, o termo *palestino*, devido seu caráter racista, era proferido sempre para um outro que nunca estava presente. Além disso, o termo *palestino* não aparece na utilização feita em Cuba em nenhum dos dicionários consultados para além de sua referência a "pessoa de origem árabe".
- 75 Deparamo-nos aqui com dois tipos de racialização, uma atribuída ao *Palestino* e outra ao *Negreiro*. Ambas pejorativas, porém com pesos distintos. Ambas são fruto do processo histórico que não resolveu as desigualdades sociais em Cuba após a Revolução de 1959, e que quando associadas a questões de moradia, criam áreas de convivência que atribuem

qualidades aos seus moradores. Uma dupla racialização, que afeta de maneira distinta, porém interligada, ao negro e ao branco que mora nos bairros negros.

- 76 Aqui novamente dialogamos com o conceito de inclusão discriminatória de Sawyer (2006, p. 19), uma vez que, apesar de haver um diálogo sobre inclusão, persistem as práticas e ideologias racistas em Cuba. A flexibilidade na hierarquia racial proporcionada pela inclusão discriminatória permite a criação de uma circunstância que possibilita os mais diversos cenários raciais. É dentro destes cenários que a transferência dos aspectos raciais atribuídos aos locais negros são dilatados e deslocados para os moradores brancos desses lugares.
- 77 No caso dos *palestinos e negreiros*, existe um deslocamento em diversos sentidos, uma vez que ambos saem da periferia da nação para habitar a periferia da cidade. O espaço, aqui, ganha uma centralidade fundamental para o debate, uma vez que se torna um elemento imprescindível para esse processo, já que ao mesmo tempo em que é racializado, racializa. Apesar disso, não é possível acreditar que o mesmo ocorra com as áreas entendidas como “lugares de branco”. Esses espaços, criados a partir de uma ideia de que pessoas brancas não possuem uma marcação racial, sendo assim neutras racialmente, produz uma distorção no que diz respeito à marcação racial, uma vez que não transferem os mesmos atributos aos moradores negros que lá residem. Esses serão vistos, muitas vezes por intrusos pelos brancos e pelos negros como pessoas que se creem brancas¹⁰.
- 78 Ao tornar improvável que pessoas negras sejam marcadas como iguais ao viverem em bairros “brancos”, é possível dizer que o que marca é, senão, o que é tocado pela negritude. Aos atributos “negros” que marcam o lugar se sucedem duas formas diferentes em que espaço e raça se produzem mutuamente, porém sempre atreladas à ideia de enegrecer, jamais de embranquecer. Essa relação é permeada por uma clara hierarquia que defende uma perspectiva de poder, um poder que não poderia ser enegrecido, como apontou Lázaro ao falar sobre a “cara de Cuba”.
- 79 Mais que encerrar a questão, acredito ser fundamental aprofundar o debate sobre como áreas racializadas podem produzir cidadãos racializados e também produzi-los, operando uma flexibilização das hierarquias raciais que produzem uma distorção. Em Cuba, apesar do discurso de igualdade racial, persiste uma “desigualdade inclusiva” que mobiliza diferentes processos raciais, entre eles uma desigualdade estrutural que tem, na questão de moradia, o seu maior gargalo, criando áreas da cidade culturalmente associadas a brancos e negros, sendo o lugar destes últimos cercado de atributos de rejeição.
- 80 Palestino e *negreiro* são, então expressões oriundas de uma transferência de atributos imaginados relacionados à pobreza, à violência, à falta de estrutura e oportunidade à ideia do que é negro. Isso faz com que os negros que habitam esses espaços sejam vistos como perigosos e violentos, e que esses espaços sejam vistos como horríveis, vulgares e desprezíveis, em um processo que se retroalimenta. Os brancos que moram nesses lugares, por outro lado, recebem esses atributos por transferência, o que faz com que sejam vistos como “quase negros” pela marcação cultural e espacial que carregam. Em que, parafraseando Lélia González, a raça informa o espaço, que informa a raça e o resto é neurose da cultura cubana, que olha para o oriente e vê no além-mar não a encosta de Santiago de Cuba, mas sim o palácio de Sans-Souci, mais à oeste, no Haiti.

- 81 AGUIAR, Lourival . Desigualdades e a Covid-19: o caso dos Palestinos em Havana. **Boletim Cientistas Sociais** , v. 42 , p. 1 - 6 , 2021.
- 82 AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites. Século XIX**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 28.
- 83 BETANCOURT, Alberto. **Cuba: sus provincias y municipios en el tiempo**. Disponível em <<https://www.granma.cu/granmad/2011/01/01/nacional/artic03.html>>. Acesso em 22/04/2022.
- 84 CASTRO, Fidel. **Segunda declaración de La Habana**. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>>. Acesso em: 25/11/2020.
- 85 _____. **Discurso do Comandante-em-chefe Fidel Castro Ruz na Segunda Assembleia Nacional do Povo de Cuba**. Havana, 1962. Disponível em: <<http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/discursos/discurso-do-comandante-em-chefe-fidel-castro-ruz-na-segunda-assembleia-nacional-do-povo-de>>. Acesso em 30/11/2021.
- 86 DE LA FUENTE, Alejandro. **A Nation for All: Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba**. 2001.
- 87 ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.
- 88 ESPINA PRIETO, Rodrigo, RODRÍGUEZ RUÍZ, Pablo. Raza y desigualdad en la Cuba actual. In: **Revista Temas**, no. 45, enero-marzo, 2006, p.p. 44-54. Disponível em: <http://afrocubaweb.com/News/Cuba/RazaDesigualdad_Rodrigo.pdf>. Acesso em: 19/08/2020
- 89 FERNÁNDEZ, Nadine. **Revolutionizing Romance: Interracial Couples in Contemporary Cuba**. New Brunswick NJ: Rutgers University Press, 2010.
- 90 FONTELLA, Leandro Goya; MEDEIROS, Elisabeth Weber. Revolução Haitiana: o medo negro assombra a América. **Revista Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007.
- 91 GONÇALVES, João Felipe. “Revolução, voltas e reveses: Temporalidade e poder em Cuba”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n.93, e329305. 2017.
- 92 _____. **The Island, the Peninsula, and the Continent: Cuban American Engagements with Africa**. 2019.
- 93 GREGORY, Steven. **Black Corona: Race and the Politics of Place in an Urban Community**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1998.
- 94 HELG, Aline. **Our rightful share: the afro-cuban struggle for equality, 1886-1912**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- 95 _____. Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história cubana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 8, n. 1. 2014.
- 96 JOLIVET, Violaine; ALBA-CARMICHAEL, Mateo. Reinvertir en la Habana: Mercantilización de la vivienda, y gentrificación en los barrios céntricos de una ciudad socialista del sur global. **International Journal of Cuban Studies**. Vol. 13(2):275-302, 2021. DOI: 10.13169/intejcubastud.13.2.02
- 97 OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMACIÓN (ONE). Centro de Estudios de Población y Desarrollo. **El color de la Piel según el Censo de Población y Viviendas**. Disponível em: <http://one.cu/publicaciones/cepde/cpv2012/elcolordelapielcenso2012/PUBLICACIÓN%20%20COMPLETA%20color%20de%20la%20piel%20.pdf>. Acesso em: 19/08/2019.

- 98 PÉREZ MARTÍNEZ, Odalys; TORRES ZAYAS, Ramón. *La Sociedad Abakuá y el estigma de la criminalidad*. Ediciones Aurelia: La Habana, 2011.
- 99 PERRY, Marc D. “*Negro Soy Yo: Hip Hop and Raced Citizenship in Neoliberal Cuba*”. Durham, NC: Duke University Press, 2016.
- 100 RAMOS-ZAYAS, Ana Y. *National Performances: Class, Race, and Space in Puerto Rican Chicago*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- 101 ROBAINA, Tomás Fernández. *Identidad Afrocubana: Cultura y Nacionalidad*. Santiago: Editorial Oriente, 2009.
- 102 RODRÍGUEZ RUIZ, Pablo; ESTÉVEZ MEZQUÍA, Claudio. Familia, uniones matrimoniales y sexualidad en la pobreza y la marginalidad: el llega y pón, un estudio de caso. In: *Catauro - Revista Cubana de Antropología*, vol. 8, n. 14, p.p. 5-31, 2006.
- 103 RODRÍGUEZ RUÍZ, Pablo. Espacios y contextos del debate racial actual en Cuba. In: *Temas*, Ciudad de La Habana, n. 53, enero- marzo, p.p. 86-96, 2008.
- 104 SAWYER, Mark Q. *Racial politics in Post-Revolutionary Cuba*. Los Angeles, EUA: Cambridge, University of California, 2006.
- 105 SILVA, Karine de Souza; SÁ, Miguel Borba de. Do haitianismo à nova Lei de Migração: Direito, Raça e Política Migratória brasileira em perspectiva histórica. IN: *Revista Nuestramérica*, 2021, vol.9, núm.17.
- 106 SOUZA, Bárbara Oliveira. *A ambígua condição negra em Cuba: relações raciais e mobilizações coletivas antirracistas*. 2016. 377 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- 107 TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed.UNESP, 2005.
- 108 _____, _____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 2012.
-

NOTAS

1. Desde 2018 visito anualmente Cuba como parte da minha pesquisa de doutorado, tendo passado ao todo cerca de 12 meses em visitas à ilha, o que inclui uma visita de 5 meses durante a pandemia, em 2021.

2. A categoria “mestiço” (em espanhol *mestizo*) é utilizada pelo censo cubano para designar pessoas que possuem fenótipos mistos entre brancos, negros e indígenas. Esta classificação, que equivale ao pardo do censo brasileiro, difere da classificação brasileira, ao não contabilizar pretos e pardos como uma única categoria (negros). Tanto Brasil quanto Cuba se valem da autodeclaração. Neste artigo, irei utilizar a categoria brasileira para pretos e mestiços que é a categoria negros.

3. Essa foi uma resposta que eu escutei bastante de diversas pessoas quando perguntava o porquê da utilização do termo *palestino*, porém, a maioria delas, contraditoriamente, se colocaram a favor da Palestina no conflito contra Israel.

4. O termo “*Palestino*” apresentado neste trabalho tem a intenção de trazer para o debate um termo nativo, porém utilizado de maneira pejorativa para designar pessoas negras oriundas da região oriental de Cuba. Sua utilização não deve ser tratada como natural ou normalizada nas relações sociais por se tratar de uma terminologia que eu entendo como racista.

5. Desde o século 16 até o século 18 Cuba era dividida apenas em duas regiões, o *Departamiento Occidental* ou *de La Habana* (com sede na atual cidade de La Habana) e o *Departamiento Oriental* ou *de Santiago de Cuba* (com sede na atual cidade de Santiago de Cuba). Essa divisão geográfica apenas foi alterada no século 19, quando passou a ter três divisões (1827), que posteriormente seriam chamadas de *provincias*. Depois aumentaram para seis (1878) e finalmente 14 em 1976, ano em que a “Provincia del Oriente” se dividiu em outras cinco: Santiago de Cuba, Holguín, Guantánamo, Granma e Las Tunas.

6. Nome popularmente conhecido do “Período Especial em Tempo de Paz”, que compreendeu os anos de 1990 e 1997, em que o Governo Cubano estabeleceu novas regras para o comércio, a exploração do turismo, a abertura para o capital estadunidense na ilha e medidas de austeridade mais intensas, que deixaram milhões de cubanos à beira da miséria e levou centenas de milhares a deixarem a ilha.

7. Cuba chegou a ser tutelada pelos Estados Unidos durante os primeiros anos de sua república, sendo obrigada a incluir em sua constituição uma cláusula que garantia ao governo estadunidense o direito a intervir no país, caso identificasse que a democracia estaria em risco. Essa é a base da “Emenda Platt”, criada em 1901 e que manteve Cuba como um protetorado estadunidense até 1933.

8. A distribuição administrativa de Cuba é composta por províncias, municípios e bairros. As províncias são o equivalente aos estados brasileiros. Os municípios funcionam como subprefeituras e os bairros são as unidades que compõem os municípios. Aqui, irei utilizar o uso local desta divisão geográfica, que diferencia os municípios de Havana, que são 15, dos bairros que os compõem.

9. *Sociedade Abakuá* é uma das três religiões afro-cubanas proferidas em Cuba, sendo que em Havana ela pode ser encontrada em *juegos* (terreiros) em alguns dos bairros como Regla e Pogolotti.

10. Esse foi um termo que escutei quando se referiam a um negro que, aos olhares dos demais, fazia o possível para culturalmente se distanciar da ideia do que é ser negro (seja através da vestimenta, da forma de falar, do lugar em que morava), e a essas pessoas de diziam “*creyentes que haste el blanco*”, “*que piensa como blanco*”, “*es negro, pero es un blanquito en potencia*”.

RESUMOS

Cuba é um país singular para se olhar as tensões raciais por diferentes razões. Essa singularidade está diretamente relacionada com este ser o único país das Américas que não apenas realizou uma revolução socialista, mantida há mais de 60 anos, mas também por, apesar de ser o penúltimo país no continente a abolir a escravidão negra, decretar nos primeiros anos da Revolução de 1959 a extinção de toda forma de discriminação racial no país. Porém a efetividade desta ação é contestada por diversos pesquisadores sobre as questões raciais em Cuba pós-revolução. Durante minhas visitas à ilha, pude perceber a persistência do racismo na sua relação com os locais de moradia da parcela negra da população cubana, que mobiliza os medos e ansiedades daqueles que nelas não residem. Lugares-territórios que são marcados racialmente como territórios *palestinos*, espaços em que são produzidos estigmas raciais em peles negras e brancas.

Cuba is a unique country to look at racial tensions for different reasons. This uniqueness is directly related to this being the only country in the Americas that not only carried out a socialist revolution, maintained for more than 60 years, but also because, despite being the penultimate country on the continent to abolish black slavery, it decreed in the first years of the 1959 Revolution the extinction of all forms of racial discrimination in the country. However, the effectiveness of this action is contested by several researchers on racial issues in post-revolution Cuba. During my visits to the island, I could see the persistence of racism in its relationship with the places where the black Cuban population lives, which mobilizes the fears and anxieties of those who do not live there. Places-territories that are racially marked as *Palestinian* territories, spaces in which racial stigmas are produced in black and white skins.

ÍNDICE

Palavras-chave: Havana, raça, lugar, racismo, estigmatização.

Keywords: Havana, race, place, racism, stigmatization.

AUTOR

LOURIVAL AGUIAR TEIXEIRA CUSTÓDIO

Mestre em Filosofia com habilitação em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo.

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Cidade: São Paulo. Estado:

São Paulo. País: Brasil. E-mail: lourival.aguiar@usp.br ORCID: <https://orcid.org/>

0000-0002-6808-1586